

### **Ações microbianas de praticantes na rede municipal de Duque de Caxias**

Lembrar de escolas é sempre o movimento de conversar com a Nathália que se reinventa e se confronta com antigas concepções. Narrar, viver e sentir as escolas faz parte das escolhas que adoto como professora tecelã, ao mergulhar e me reinventar com os cotidianos.

Neste caminhar, muitas vezes errante, busco sentir com todos os sentidos a produção curricular, criada pelos *'praticantes pensantes'* (OLIVEIRA, 2008) nos cotidianos escolares. Ações incontáveis e incontroláveis, como bem nos presenteou Certeau (1994) em suas pesquisas. Essas práticas, contudo, tendem a ser hegemonicamente desfiguradas por visões demeritórias de escolas, que não possibilitam a visibilização da potência criativa que dos cotidianos emerge.

Recordar e cartografar nossa caminhada é sempre uma tarefa que nos traz aprendizado e saudades dos tempos vividos. Ao longo dos anos dedicados a escola pública, muitas marcas foram deixadas pelas experiências que me atravessaram e me formaram. Anos difíceis e desafiadores no magistério público do município de Duque de Caxias. Lutar pela valorização do magistério associado ao compromisso com o aprendizado e desenvolvimento de alunos em processo de alfabetização é uma das maiores batalhas políticas dos educadores deste município.

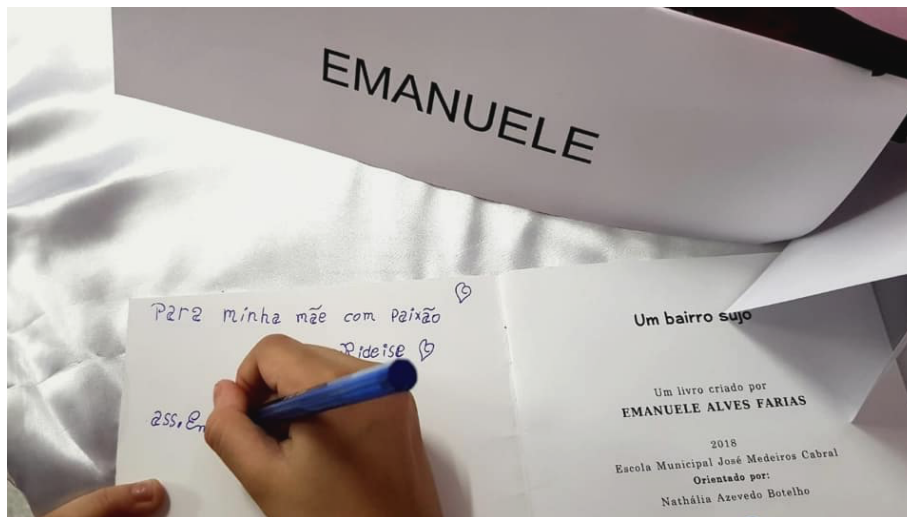
Neste processo, busquei atentar para a forma como os estudantes sentem as escolas, principalmente aqueles que eu acompanhava. Seja pela música cantarolada na sala ao lado, pelo cheirinho da merenda, pela ansiedade, pela contação de histórias ou pela produção de algum material.

Este movimento só é possível quando nos desconstruímos e não privilegiamos o sentido da visão, sentido este tão valorizado pela ideia moderna de ciência em sua busca em controlar o todo. Entendemos que este sentido embaça, e ao desprezarmos os outros sentidos, temos uma compreensão distorcida dos fatos Enevoando nossa compreensão, ao não nos permitir compreender a potência presente.

Neste sentido, como professora nessa busca de potencializar os conhecimentos circulantes no ciclo de alfabetização, participei do desenvolvimento do projeto intitulado Alunos Escritores. Nesse projeto, resgatamos histórias locais, relatos de experiências, realizamos expedições pelo bairro, a fim de produzir sentidos ao currículo criado com a escola. O projeto desenvolveu-se ao longo de seis meses e contou com o envolvimento da escola e da comunidade.



A culminância foi realizada em uma tarde de autógrafos, na qual os estudantes foram protagonistas e apresentaram suas produções à comunidade. Um tarde emocionante e que contribuiu para romper com visões demeritórias das escolas e dos conhecimentos que cada aluno carrega.



Compreendemos, assim, que o movimento permanente dos praticantespensantes (Oliveira, 2008) que produzem currículo no “chão da escola”, através das ações microbianas (Certeau, 1994), não são captáveis pelas forças hegemônicas, pois ao se tornar hegemônico, é incapaz de perceber as diversas possibilidades tecidas pelos praticantes que resistem diariamente na rede pública municipal.

Desta forma, compreende-se, a partir desta perspectiva, que para entender o que acontece nos cotidianos, sobretudo nos cotidianos das escolas, é necessário que se tome como premissa o uso de todos os sentidos, como nos alertou Nilda Alves. Assim, o espaço conquistado pelos caminhantes que fazem a escola a cada dia, está enredado de concepções, formações, vivências, marcas e subjetividades. Esse espaço em que os praticantes circulam e produzem conhecimento precisa ser ‘desinvisibilizado’ ou revelado, de

modo a possibilitar o rompimento de visões negativas que assombram as escolas.

**Referências:**

ALVES, N. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de e ALVES, Nilda. *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas, sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

CERTEAU, M. *A invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.